



## **DO REAL AO IMAGINÁRIO: A MEDIAÇÃO E AS EXPERIÊNCIAS DA INFÂNCIA**

Cristiane Schmitt (crisy.schmitt@hotmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

A experiência de que trata o presente relato ocorre na cidade de Igrejinha, no estado do Rio Grande do Sul, com uma turma de maternal, em uma escola municipal de educação infantil. A escola conta com dois berçários e dois maternais, em um início de ano letivo com novas crianças que serão matriculadas, posteriormente, no ano corrente. A turma que participou da experiência também receberá novas crianças ao longo do ano letivo. Para a prática descrita, tivemos um total de dezesseis crianças, com idades entre 1 ano e 11 meses a 2 anos e 7 meses de idade, contando com uma professora titular, uma professora de docência compartilhada (nos dias de hora atividade da titular), duas educadoras auxiliares no turno da manhã e outras duas no turno da tarde.

As práticas da rede de ensino são contempladas tanto por projetos de pesquisa quanto por projetos de aprendizagem, levando em consideração o interesse e necessidade dos alunos.

Para esta proposta, a professora buscou contextualizar e adaptar a turma no espaço físico da escola e da sala de aula, que tem como cultura em algumas escolas da rede ser decorada para receber a turma. Durante o texto será possível delinear a intencionalidade docente, a recepção das crianças, a estrutura do projeto, a participação das famílias e a valorização das oportunidades criadas pelas próprias crianças, na elaboração das atividades ao longo do percurso de construção da aprendizagem.

### **2. CONTEXTO**

Diante de um momento delicado e importante na educação infantil, a adaptação é um tempo fundamental para o professor mediar a entrada das crianças no ano letivo de uma escola de educação infantil, ao mesmo tempo em que se faz necessário inserir esta criança no contexto, na organização dos espaços e tempos da escola. Ainda, segundo a BNCC (BRASIL, 2017, p. 36): “...A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada.”

Trata-se de uma escuta, em que a criança é coautora dos processos de construção do conhecimento e da jornada de sua aprendizagem, a partir do momento em que é dado como contínuo ouvir a estes aprendentes, o que lhes motiva, o que elas conhecem, compreendem e até mesmo sua realidade – seu modo de vida (FORMOSINHO et al, 2007).

Na realidade de muitas escolas de educação infantil, no município de Igrejinha, imerso no universo do faz de conta e da imaginação encantadora da infância, as salas de aula são decoradas para receber as crianças, determinando um espaço físico agradável para o dia a dia da escola. As decorações são elaboradas pelas professoras e suas educadoras de apoio, podendo variar os temas de uma sala para outra ou também de uma instituição para outra.



Porém, na maioria das vezes, podemos colocar a criança em um espaço, amplamente decorado com diversos temas de acordo com o interesse da professora ou de acordo com o que se acredita ser agradável para o dia a dia daquela turma.

Em concordância com as educadoras de apoio, o grupo de trabalho da turma encontrou nas abelhas uma decoração interessante para mediar a adaptação e estimular a imaginação das crianças, deixando a sala bonita para receber o grupo.

Entretanto, diferente dos espaços que estão prontos no primeiro dia e de um projeto básico e previsível de adaptação, foi possível pensar com mais clareza sobre como mediar a chegada das crianças na escola, como que elas seriam participantes ativas na elaboração deste espaço e, conseqüentemente, compreender o espaço pensado para elas, aprendendo, experienciando e, a partir de resultados positivos, envolver a participação das famílias no processo de construção desta identidade da turma. Um dos principais objetivos era encontrar um ponto de partida com o tema selecionado pelo grupo docente da sala, ao mesmo tempo que deixar a professora e educadoras como mediadoras e observadoras ativas de cada etapa que, aos poucos, se constituiria. Encontrar pontos de apoio a partir das falas obtidas e do que mais as crianças esperavam do ambiente de aprendizagem.

Enquanto as atividades foram sendo elaboradas pela professora, elas estavam focadas em mediar, “ouvir” as crianças e criar possibilidades de acordo com o que era visto no dia a dia e através das falas que surgiram na aplicação do projeto. A partir de algumas ideias e com o objetivo de conhecer o grupo, também foram dadas oportunidades para a livre exploração das crianças, tanto nos objetos utilizados pela professora, quanto nas experiências com material não estruturado. Segundo Junqueira (2014) é quando o professor conhece seus alunos, no início do ano e continua conhecendo, diariamente, que este educando se apropria dos conceitos (conteúdos) mais significativos para problematizar com seu grupo. Entendemos aqui que toda esta estrutura didática é feita com todos.

Enquanto o projeto foi sendo desenvolvido e a comunidade escolar foi se envolvendo com propriedade, os pais participaram ativamente, as crianças estavam envolvidas com cada um dos momentos ofertados e tinham suas ações valorizadas pelos familiares.

Algumas falas da professora, na interação com os grupos familiares, era do que estava ocorrendo no dia a dia, muitas vezes utilizando, com auxílio da gestão escolar, a divulgação nas mídias sociais para informar o andamento das atividades.

Importante ressaltar que, antes de iniciarmos esta caminhada, a professora titular tinha em sua documentação toda a rotina da turma, exposta para o grupo (educadoras auxiliares e docência compartilhada), sendo possível visualizar cada momento com mais clareza e com tempos ancorados em uma rotina que contempla as necessidades da turma, em termos de tempo e espaços.

### **3. DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES**

Primeiramente decidimos que, ao invés de um projeto específico com o tema de adaptação, faríamos um projeto contextualizando o espaço da sala de aula, para que as crianças pudessem se sentir acolhidas no ambiente de que fariam parte, neste ano letivo.

Começamos com o despertar da imaginação através de uma história adaptada, em que a professora contava para as crianças sobre o processo que a abelha passa para fazer o mel, recebido pelas crianças (em um recipiente), no primeiro dia de escola e oferecido para as famílias com um cartão de boas-vindas.



Durante toda a primeira semana do projeto, as atividades realizadas foram focadas no produto, resultante do trabalho das abelhas. Inclusive, tivemos a oportunidade de plantar flores na escola, explorar sementes e descobrir que as abelhas visitavam o jardim da escola para usar o néctar destas e de outras flores para fazer mel. Demonstrando interesse por cada momento da semana, percebe-se que, mesmo a atividade sendo mediada pela professora, com intencionalidade docente, as crianças conheceram o mel, através do tato e do olfato, inclusive através da observação e manuseio do próprio favo. É importante destacar que, quando uma das crianças não se sentia confortável para executar alguma tarefa, em momento algum era imposta a realização de qualquer uma delas. Dialogávamos com frequência, entre o grupo de educadoras, que as crianças precisavam sentir conforto com as ofertas. Cada uma das crianças era respeitada na sua individualidade, de acordo com o seu momento de realização, segundo seu interesse. Foi possível ver que algumas crianças se reportavam ao procedimento somente depois que a grande maioria havia realizado, outras precisavam de auxílio para alcançar a finalidade do que se apresentava diante delas.

A segunda semana de trabalho foi direcionada para conhecer cada uma das abelhas que fazem parte da colmeia. Utilizamos materiais tridimensionais para a compreensão do espaço dos insetos e a hierarquia estabelecida neste reino. Convidamos as famílias para confeccionar, com as crianças, uma abelha de sucata. Para a surpresa do grupo, grande parte dos pais participou ativamente e incentivou o trabalho docente, que se preocupava também em envolver o círculo familiar para a valorização da aprendizagem das crianças. A partir da ideia de tamanho com os personagens, as crianças tiveram a oportunidade de visualizar e serem ensinados a organizar por tamanho, desde o menor até o maior ou até do maior para o menor, fazendo também com a mediação da professora, a comparação entre o tamanho dos colegas. Trabalhamos habilidades motoras, desde o momento que as crianças puderam conduzir um balão de abelha (confeccionado pela professora) para “voar” das flores até a colmeia, ou quando era possível utilizar grampos de roupa, com a imagem de abelha para levar os pequenos insetos até a sua “casa”. Aproveitamos a oportunidade para aprimorar a expressão oral, quando as crianças eram ouvidas em seus desejos e necessidades ou quando faziam contribuições acerca das percepções, durante a execução das brincadeiras.

A terceira semana estava voltada a conhecer o processo de nascimento das abelhas, representado pela professora (utilizando diversos materiais como plástico, tecido, algodão etc.) com um ovo que, ao ser aberto, liberava a larva que virava pupa e que, finalmente, tornava-se a abelha. As crianças produziram com a massinha de modelar branca seus ovos, da forma como desejavam, alguns dando a liberdade para a professora mostrar como poderiam fazer, aprendendo movimentos importantes e sendo auxiliados no desenvolvimento de suas habilidades manuais. A docente também disponibilizou a colmeia feita com uso de cartonagem, para as crianças fazerem uma releitura dela, utilizando tinta têmpera e folha A3, apenas com as mãos. Em outro dia, fizemos também a colmeia com argila e colocamos os ovos feitos anteriormente com massinha. Reunimos todos estes materiais e organizamos uma belíssima exposição em frente à sala da turma.

Para a quarta e última semana, trabalhamos com a revisão de tudo o que vimos e fizemos, através de fotos e do material confeccionado. Também fizemos um bolo sem glúten, lactose (devido a casos de alergia na sala) e açúcar. Este bolo foi cortado pelas crianças com um molde de flor, supervisionado pela professora.



Depois da experiência de acompanhar a elaboração da receita, as crianças foram conduzidas até a sala para fazer suas próprias experiências com um pacote de farinha, onde surgiram sopros para a farinha “voar”, a observação do movimento da farinha, as próprias receitas ou a sensação com o produto passando pelas mãos e pelo rosto.

No dia de encerramento do projeto, as crianças foram para casa, levando o bolo em formato de flor e fantasiadas de abelhas, para o incentivo da imaginação, do diálogo, do faz de conta e da brincadeira.

#### **4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO**

Segundo o relato das experiências vivenciadas pelas crianças, percebemos um resultado positivo todas as vezes que os elementos trazidos pela professora eram inseridos no espaço. A preocupação era proporcionar uma variedade de experiências para as crianças e permitir diversas vivências dia após dia do projeto de adaptação. Horn (2004, p. 28) ressalta que: “É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções. Essa qualificação do espaço físico é o que o transforma em um ambiente.”

Outro fato importante a ser ressaltado é o respeito que o grupo docente teve diante das escolhas de cada um dos alunos, que estavam participando ou não de cada um dos momentos planejados.

A cada assunto, dentro do tema gerador, era necessário pensar sobre os materiais utilizados para viabilizar a leitura de imagens e facilitar o diálogo com as crianças. Suas falas eram observadas para dar seguimento ao planejamento, pensado em como facilitar a compreensão de cada um, em como a aprendizagem seria satisfatória e quais seriam as propostas adequadas para experiências sensoriais com materiais diversos, utilizados pelas crianças que criavam inúmeras possibilidades. De acordo com Lima (2010, p. 10): “...Assim, ao aprender coisas novas, a criança se vale de disposições internas do desenvolvimento da espécie humana e do que o meio lhe oferece como possibilidades para a aprendizagem...”

Possivelmente novas experiências com materiais não estruturados poderiam ter sido possibilitadas para as crianças durante este projeto. E devido ao interesse das crianças é que foi possível estender este tema por quatro semanas. Assim como foi o suficiente para perceber que estava sendo apontado o momento para a finalização dele.

A partir do momento que as crianças começaram a trazer novas ideias, começamos a encaminhar o encerramento e a culminância. Diante de tantos aspectos satisfatórios na execução deste projeto, não poderíamos deixar de compreender a troca necessária para que não gerasse momentos desagradáveis e desinteressantes para o grupo.

Quando falamos sobre a formação docente, é importante lembrar que temos diversos aportes teóricos e documentações que norteiam nosso trabalho e auxiliam na organização didático-pedagógica, para contemplar os direitos de aprendizagem de nossas crianças na educação básica, direito de todos. Atualmente, conforme a BNCC:



...é preciso acompanhar tanto essas práticas quanto as aprendizagens das crianças, realizando a observação da trajetória de cada criança e de todo o grupo – suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens. Por meio de diversos registros, feitos em diferentes momentos tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos), é possível evidenciar a progressão ocorrida durante o período observado, sem intenção de seleção, promoção ou classificação de crianças em “aptas” e “não aptas”, “prontas” ou “não prontas”, “maduras” ou “imaturas”. Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças. (BRASIL, 2017, P. 41)

Ao mesmo tempo, que o trabalho realizado durante todo este mês inicial teve seu sucesso entre todos os envolvidos, ressaltamos que poderia não ter sido satisfatório, o que implicaria na reestruturação de toda a temática e condução do grande grupo para estar de acordo com a exigência das preferências e necessidades do grupo de crianças.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao finalizar esta prática, foi importante avaliar cada uma das atividades realizadas, cada etapa do planejamento, quais foram as ações que mais chamaram a atenção das crianças e como realizar a mediação adequada para que, além do espaço físico, o ambiente seja agradável no dia a dia da escola de educação infantil.

A Base Nacional Comum Curricular orienta o trabalho docente em seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, sendo eles conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Portanto, estivemos focados em proporcionar situações e materiais, que as crianças tivessem a oportunidade de vivenciar e explorar cada um deles. Percebemos que o planejamento precisa ter uma intencionalidade, a partir do momento em que ele elenca os objetivos a serem utilizados e que, ainda, as próprias crianças nos mostram novas perspectivas a alcançar, à medida que elas interagem e compartilham os momentos com os demais.

O grupo entendeu que as crianças desta realidade, desta comunidade escolar gostam do faz de conta, gostam de brincadeiras orientadas e de momentos de livre exploração, com sentido, sem pura e simplesmente disponibilizar o material desconexo das propostas, sem quaisquer cuidados e orientações.

Conseguimos perceber que as crianças estão conectadas profundamente ao imaginário e a possibilidade de livre exploração chama sua atenção. Da mesma forma, descobrimos que esta turma desperta interesses nos livros, nas imagens, nos elementos de um tema explorado em sala e gostam da “tradução de surpresa” da professora, que sempre esperava a turma no tapete da sala ou no pátio com uma novidade, entendendo suas preferências e necessidades. Para Formosinho et. al (p.28, 2007): “...A observação é um processo contínuo, pois requer o conhecimento de cada criança individual...”

Entre o real e o imaginário, podemos e devemos disponibilizar elementos de pesquisa para as crianças pequenas, sim. E ainda permitir a elas a conexão entre elas mesmas e o mundo, através dos sentidos.

Quando a criança brinca, mobiliza áreas do cérebro que estão relacionadas aos conhecimentos formais adquiridos. Brincadeiras de roda auxiliam na rima,



melodia ou o ritmo. A repetição nas brincadeiras, ajuda na formação do córtex motor, auxiliando nos futuros movimentos da escrita (LIMA, 2010).

Certamente, a turma delineou suas preferências para o início do ano letivo e inseridos em seu contexto de grupo e de turma, estarão, cada vez mais, trazendo novos assuntos para serem pesquisados em sala e com a curiosidade de explorar o real e o próprio imaginário.

E finalizamos com a reflexão do tempo, de que é necessário se desprender para a busca incessante de ideias e novidades para nossas crianças.

... Já não existe lugar para as crianças nas residências acanhadas das cidades modernas, onde as famílias se acumulam em espaço reduzido. Não há lugar para elas nas ruas porque os veículos se multiplicam e as calçadas estão apinhadas de pessoas apressadas. Os adultos não dispõem de tempo para se preocuparem com elas, pois são oprimidos por compromisso urgentes... (MONTESSORI, 1987, P.7)

## **6. REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). **Pedagogias da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004

JUNQUEIRA FILHO, G. A. **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação Infantil**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

Lima, Elvira Souza. **Neurociência e Aprendizagem**. São Paulo: Editora Interlalia, 2010.

MONTESSORI, Maria. **A Criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nordica, 1987.